

Assunto: Dados sobre o desaparecimento
de Gaspar Louis Xavier Carlos.-

Dili, 20 de Dezembro de 1994.-

Exmo. Senhor.....

Dr. Mário Soares
Presidente da República Portuguesa
Palácio de Belém
Lisboa em PORTUGAL.....

Eu, abaixo assinada, HELENA YOLA C. DE ARAUJO CARLOS, maior, doméstica, casada catolicamente com GASPAR LOUIS XAVIER CARLOS, venho muito respeitosamente expor e rogar o seguinte:

A signatária, cohabita ~~neste~~ neste momento com os seus dois filhos menores, respectivamente de 6 e 3 anos, tendo o seu marido GASPAR LOUIS XAVIER CARLOS, de 30 anos de idade, natural de Dili, então residente no Bairro Económico-Dili, posteriormente colocado e residente em Kupang (Timor Indonésio), como funcionário do Bank Bumi Daya;

Em 3 de Setembro de 1992, o meu marido foi preso em Kupang, quando ele ia comprar cigarros por ordem do Chefe de Serviços; pois foi essa a combinação tida entre este seu Chefe de Serviços e os elementos da Intel para capturas. Os elementos de captura eram compostos por civis timorenses e militares indonésios.

Sabe-se que o meu marido foi preso, algemado e conduzido por via terrestre, para a prisão do SAT GAS INTEL da Hanggala (militares do Comando Indonésio), situado em Colmera-Dili; após uma semana de tortura física foi transferido para a prisão da Polícia Militar, na Comarca de Dili. Na prisão do SAT GAS INTEL em Colmera-Dili, já tinha sido severamente torturado com a condição de conseguir informações das organizações clandestinas de apoio à independência de Timor Leste, sediadas em Dili e Jakarta.

Na Comarca de Dili, prisão da Polícia Militar, de novo o meu marido foi torturado e massacrado, pelo carcereiro e elementos de guarda da Polícia Militar Indonésia.

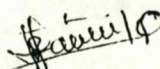
Após uns dias na cadeia da Polícia Militar Indonésia em Dili, o Gaspar foi retirado à meia-noite, e conduzido para outro lugar, sem nunca mais ninguém saber do seu verdadeiro paradeiro.

Pelo exposto, venho muito respeitosamente, solicitar V. Excia. se digne interferir junto dos elementos de Governo e demais Organizações Internacionais de Direitos Humanos, para que estes pressionem as autoridades militares e civis indonésias, para que eles assumam a responsabilidade, e declarem com coragem o paradeiro do meu marido; sem porventura, já foi morto, é com muita coragem que aceito esta realidade e reprimo esta grande dor, mas que ao menos os restos mortais me sejam devolvidos.

Sen mais outro assunto de momento me subscrevo com a mais alta consideração.

De V. Excia.

Muito Atenciosamente,


(HELENA YOLA C. DE A. CARLOS)